

EDUCAÇÃO

CONTINUADA

Educação, Tecnologia e Sociedade



Revista Educação Continuada

Educação, Tecnologia e Sociedade

São Paulo-SP, V.2 n.1, dezembro 2020

Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva
Prof. Dr. Flávio da Silva
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho
Me. André Santana Mattos

Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier

Edição Geral

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho - Vol.2, n. 1 (Dezembro 2020) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2020

66p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/5f60f8f20e8825522cc2702d>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 23/12/2020

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;

I. Título

CDU 37/49
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



CEQ Educacional

R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

EDUCAÇÃO CONTINUADA

Sumário



V.2(n.1), 2020 dezembro (História, Educação e Sociedade)

Nesta segunda edição, a revista **Educação Continuada** busca abordar algumas perspectivas históricas no contexto da educação e da formação social.

ARTIGO CIENTÍFICO

p.05-18

THEATRO SÃO JOSÉ: A SÁTIRA DE SUA CONSTRUÇÃO E A INAUGURAÇÃO EM 1864

ADRIANA ZENEZI

p.19-31

O PAPEL DO DIRETOR ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO AMBIENTE DEMOCRÁTICO

KETELIN ZAROTINO SCHEID

p.32-47

LA PESTE DE ALBERT CAMUS EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Larissa Patrício Campos de Oliveira

[PDF](#) [PDF](#)

p.48-57

DESINTERESSE ESCOLAR: FATORES E SOLUÇÕES

ODACIRA ZIN DA SILVA

ENSAIO

p.58-62

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS

ELAINE CAETANO DA SILVA

 PDF

RESENHA

p.63-66

RESUMO CRÍTICO DA NOVELA CORAÇÃO DAS TREVAS (CONRAD, JOSEPH)

Larissa Patrício Campos de Oliveira

LA PESTE DE ALBERT CAMUS EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Autora: Larissa Patrício Campos de Oliveira¹

RESUMO: Pretendemos, neste breve esboço, analisar a célebre obra *La Peste* (2008), do escritor argelino-francês Albert Camus, a partir de um enfoque dedicado ao estudo das tensões temporais percebidas socialmente pela coletividade das personagens, protagonistas e anônimas, cujos atos e pensamentos são narrados ao longo do livro aqui comentado. Para tanto, valer-nos-emos, primordialmente, enquanto pilar teórico de nossa reflexão, dos apontamentos, elaborados por Reinhart Koselleck em *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (2006), acerca da articulação entre tempo, história e historiografia, bem como das complexas e desiguais formas pelas quais os grupos e indivíduos apreendem a temporalidade nos diferentes períodos e épocas históricas, com especial atenção às transformações culturais ocorridas a partir da segunda metade do século XVII.

Palavras-chave: Albert Camus, *La Peste*, tempo, história.

INTRODUÇÃO

Em suas ponderações, Koselleck, ao versar sobre a relação entre passado e futuro na história moderna, entre teoria e metodologia na determinação do tempo histórico, e sobre a semântica histórica da experiência, fornece-se acurada explanação dos três modos de experiência rigorosamente formalizados, que, cremos, ser-nos-ão de grande valia no embasamento teórico de nosso trabalho, como buscaremos evidenciar no decorrer das próximas páginas. São eles a irreversibilidade dos eventos, em seus

disparos estados de desenvolvimento, tanto das situações precedentes quanto posteriores; a capacidade de repetição dos eventos, levada a cabo por meio de supostas identidades entre eles, ou mesmo pelo retorno de determinadas circunstâncias factuais, ou ainda por uma relação tipológica e/ou figurativa entre os episódios; e, por fim, a simultaneidade da não-simultaneidade, conceito que se refere a diferentes níveis de transcurso históricos ocorridos em uma mesma cronologia do tempo natural. Neste sentido, o autor argumenta em nome da diferença entre as categorias temporais naturais e históricas. De acordo com Koselleck, há interregnos temporais passíveis de cobrir decursos de ação intersubjetiva, relacionados a um aparente desligamento do tempo natural. Apesar de conservar analiticamente a cronologia natural nos pressupostos mínimos de interpretação dos eventos e situações, o autor ressalta que o tempo natural e sua sucessão pertencem às condições dos tempos históricos, sem nunca neles se diluírem, de forma que os tempos históricos seriam dotados de durações temporais distintas dos ritmos do tempo da natureza (KOSELLECK, 2006, p. 121-122).

Assim posto, com tais observações em mente, faz-se hora de dedicarmos nossos esforços ao estudo da narrativa camusiana em *La Peste*. Desta feita, cabe-nos ressaltar que o livro é dividido em cinco grandes partes, cada uma das quais referentes a períodos subsequentes de uma epidemia de peste que se espalha pela cidade não fictícia de Oran, porto do norte da Argélia onde ocorrem os episódios descritos na obra. A primeira parte comenta a vida comum na cidade antes da peste, e durante seu processo de instalação preliminar. Em uma tranquila manhã, Bernard Rieux, o médico da cidade, personagem central da trama, percebe um rato morto no corredor do edifício em que mora. Após este momento nerval, o cotidiano de normalidade dos oranenses começa a se transformar. Milhares de ratos são encontrados moribundos ou já mortos, por toda a cidade, ao que são seguidos por cães e gatos, e, finalmente, pelos próprios habitantes de Oran, quando a doença passa a

¹ Professora da Rede Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo desde 2013, é historiadora e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo.

infectar também os homens. Jean Tarrou, um visitante retido em Oran após o isolamento da cidade, mantém um diário, que será utilizado como testemunho pelo narrador da história, relatando os efeitos da peste nos oranenses, incluindo passagens sobre personagens como Joseph Grand, um funcionário de baixo escalão da prefeitura, e Cottard, figura misteriosa que se mostra feliz com a propagação da peste.

Nos momentos iniciais da trama, com a notícia do bacilo ativo, procede-se ao fechamento das portas e inicia-se um longo período de exílio. Como local de passagem, as portas encerram a doença em Oran e aprisionam ali os homens, deixando-os enclausurados em seu próprio meio, em contato permanente com o mal e a morte potencializada. Abertas, elas seriam o caminho facilmente traçado pelos microscópios transmissores da peste para alcançar novos territórios, cidades vizinhas, navios a aportar, as águas marítimas, levando o medo, a dor e sofrimento para além de quaisquer fronteiras, ainda que a pergunta sobre a origem do mal permaneça quase sempre ignorada. O isolamento traz à Oran a ideia de exílio-clausura, associada historicamente à lepra, que obrigava os doentes a partir para lazarentos, onde permaneciam longe dos sãos a fim de padecer seu flagelo. Em Oran, essa categoria de exílio constituiu-se a partir de uma ordem dada internamente pelas autoridades locais aos moradores, obrigados a segui-la, sob pena de punição. No final desta primeira seção, o povo de Oran parece compelido pelas decisões adotadas pela administração pública a concluir que sua monótona rotina pode ser alterada drasticamente. Os portões da cidade são trancados, e Oran transforma-se em uma prisão empestada, da qual não se pode entrar ou sair.

A segunda parte do volume narra os acontecimentos ocorridos quando a peste se torna a preocupação de todos na cidade. São descritas e comentadas as lutas das pessoas contra a peste e o sofrimento e a separação a elas impostas pelo mal que a todos assola. Surgem, neste momento, personagens como Raymond Rambert, jornalista a serviço em Oran, que, ao ser surpreendido pela peste e impedido de retornar à sua pátria, onde também se encontra sua amada, inicia negociações com contrabandistas, tentando

imaginar maneiras de escapar da cidade e encontrar novamente seus entes queridos. Figurando neste cenário marcado pelo sofrimento e saudades, o vigário da cidade, padre Paneloux, representante de uma concepção segundo a qual a condenação à morte de homens pouco tementes aos preceitos da Igreja configura-se como um castigo natural, prega um duro sermão, em que afirma que Deus enviou a doença ao povo de Oran como uma punição justa aos seus pecados. Neste ambiente marcado pela tragédia e pela perda, o elemento solidário aponta como um dos aspectos mais relevantes da trama, quando Tarrou forma esquadrões sanitários na cidade, e muitas pessoas, inclusive Grand e Rambert, apresentam-se como voluntários para ajudar no combate à doença.

Na terceira parte, o narrador, cuja identidade será revelada apenas no encerramento da obra, relata o pior período da doença. Durante os quentes e abafados meses de verão, o contingente de vítimas levadas pela peste aumenta a um ponto que se acaba o espaço físico para os enterros. O crematório da cidade passa, então, a queimar os corpos destes indivíduos no limite de sua capacidade e todos na cidade sofrem terrivelmente com a dor e o abandono. Na quarta parte, as emoções e pensamentos de alguns dos protagonistas do enredo ganham destaque. Cottard, estranhamente, continua a manifestar contentamento com a chegada e permanência da peste na região. Rambert, cujos planos de fuga estão prestes a se concretizar positivamente, muda de ideia no momento de deixar a cidade e decide permanecer em Oran para ajudar no combate da doença como voluntário nas equipes comandadas por Tarrou e Rieux. Um constrangedor e desesperador episódio marca profundamente, neste período, algumas das principais personagens, incluindo Bernard Rieux, Joseph Grand, Jean Tarrou e o padre Paneloux. Trata-se da morte de uma criança pequena, filho do juiz Othon, cujo calvário é testemunhado por estes homens na esperança de que o soro elaborado pelo experiente Dr. Castel pudesse gerar um efeito redentor no menino. Após esta experiência devastadora, Paneloux profere um segundo sermão, durante o qual demonstra incipiente simpatia e compaixão pelo povo de Oran. Em

uma noite quente, Tarrou confia a seu amigo Rieux sua filosofia de vida, centrada em uma contundente oposição e crítica a qualquer tipo de pena de morte. Joseph Grand adoece gravemente e sua morte parece premente, mas uma repentina e inesperada recuperação o livra de se tornar mais uma vítima fatal da peste. Remissão semelhante se passa com uma mulher na cidade, e, em seguida, os roedores começam a reaparecer pelas ruas de Oran.

Na quinta e última parte, os números oficiais de infectados e mortos pela peste sofre um declínio tão repentino e inesperado quanto havia sido seu início. Depois de anunciar publicamente que a epidemia parecia ter cumprido seu ciclo mortífero, a administração oranense estipula a data na qual os portões da cidade deveriam ser abertos caso o quadro de estabilidade se confirmasse. A população sai às ruas e comemora, impaciente, a redescoberta de um futuro promissor. O prognóstico se realiza e Oran é reaberta, as famílias e amantes sobreviventes se reúnem, inclusive Rambert e sua amada. Cottard, com suas reações e gestos inverossímeis, enfurece-se ao notar que o surto de peste declinará drasticamente, deixando-o sozinho com seu sofrimento novamente, e inicia um tiroteio solitário sem alvo definido, do qual sai preso e arrastado pela polícia. É neste ponto da narrativa que Dr. Rieux confessa ser ele o seu autor, e revela, antes de completar o seu relato acerca dos últimos episódios referentes ao término do estado de peste em Oran, as motivações que o levaram a escrever a crônica dos acontecimentos ocorridos em sua cidade durante os meses em que foi assolada pela doença. Embora tenha sofrido muito ao longo do flagelo coletivo, e tenha, ao seu final, descoberto que sua esposa estava morta, Rieux declara que, durante seu relato, buscou adotar o tom de um testemunho objetivo, sem apelo a seus próprios sentimentos, buscando evidenciar apenas os acontecimentos com os quais teve contato direto pela observação ou participação, e comentar as informações e percepções obtidas por meio das anotações presentes no diário do já falecido Tarrou. Rieux afirma ainda ter-se posicionado deliberadamente do lado das vítimas da

epidemia, estruturando a crônica da peste do ponto de vista daqueles que dela padeceram, compartilhando seus sentimentos de abandono, sofrimento e amor. O livro termina com o narrador ponderando racionalmente os festejos da maioria da população oranense pelo fim da peste na cidade argelina, população esta que, de acordo com Rieux, desconhece o fato de o bacilo da peste poder se esconder por anos em um mesmo lugar, apenas esperando um próximo momento propício para reiniciar seu ciclo de morte e dor.

DESENVOLVIMENTO

Publicada em 1947, *La Peste* é uma obra fruto de sete anos de trabalho de Albert Camus, que reuniu vasta literatura sobre o tema, além de informações científicas, dados, observações e impressões na intenção de construir um rico quadro acerca da solidão humana experienciada pela chaga do exílio coletivo imposto pelas autoridades ao ser declarado estado de peste em Oran. Cabe ressaltar que a cidade escolhida por Camus para ser o palco da epidemia imaginária, uma das principais cidades da Argélia, havia, entre os anos de 1941 e 1942, sido alvo de um surto real de tifo, episódio que, possivelmente, serviu de modelo para que autor compusesse sua ficção (LAMEIRINHA, 2006, p. 29). Não obstante, *La Peste* pode ser interpretada como uma crônica, designação utilizada por seu narrador, se, para tanto, não nos esquecermos de que se trata de ocorrências não-reais que compõem um romance metafórico das tragédias e sentimentos pertencentes ao que se passa de fato em nosso mundo. Determinados aspectos da narrativa acentuam sua caracterização enquanto crônica: linguagem sóbria, impessoal e ausente de exaltação de sentimentos heroicos ou líricos, apesar das circunstâncias trágicas; bem como o foco central de suas observações, a comunidade, no caso a cidade de Oran, objeto recorrente das crônicas. O recorte espaço-temporal do relato auxilia na constituição de um contexto realista: “Les curieux événements qui font le sujet de cette chronique se sont produits en 194., à Oran” (CAMUS, 2008, p.11). Como

vemos, o narrador indica-nos apenas a década e não o ano, datação que limita, propositalmente, a exatidão das demais referências cronológicas assinaladas ao longo da trama, que se completam com o fornecimento dos marcos temporais relativos ao dia e ao mês do início da história relatada, quais sejam, dia dezesseis de abril, e ao seu término, em uma manhã de fevereiro, assim como à marcação do transcorrer do tempo natural ritmado pela mudança das estações do ano. Assim, trata-se de uma crônica que, paradoxalmente, recusa datas precisas, fato que pode significar a intenção do narrador em privilegiar a reação das pessoas diante da peste, mais do que sua documentação estrita.

O romance *La Peste* insere-se em um conjunto mais amplo referente ao segundo ciclo de criação da obra de Albert Camus, assim denominado Ciclo da Revolta. Em realidade, Camus arquitetou sua produção em três grandes partes. A primeira, conhecida como o Ciclo do Absurdo, representa a negação e expressa-se sob a forma romanesca em *L'Étranger* (1942); dramática, com *Calígula* (primeiro manuscrito de 1939) e *Le Malentendu* (1944); e ideológica, com *Le Mythe de Sisyphe* (1942). A seguir, o ciclo positivo exprime a revolta e encontra em *La Peste* sua forma romanesca; em *L'État de Siège* (1948) e *Les Justes* (1949) sua expressão dramática; e em *L'Homme Révolté* (1951) sua expressão ideológica. Camus teria previsto um terceiro ciclo no qual versaria acerca do amor, mas morreu antes que pudesse tê-lo escrito (GUIMARÃES DA SILVA, p.1).

O Ciclo da Revolta possui estreito vínculo com o sensível engajamento de Albert Camus no movimento francês de Resistência ao nazismo. No final da década de 1940, Camus declara sua obstinada aversão à prática institucional e extraoficial do assassinato como meio legítimo e aceitável de melhorar a sociedade, posição também defendida por sua personagem Tarrou, conforme observamos anteriormente. O posicionamento de Camus é aprofundado com a revelação de campos de trabalhos forçados na Sibéria, região norte da então União Soviética, controlados pelo regime comunista. A crítica de Camus à crueldade soviética acabou por servir

de elemento central ao subsequente rompimento com o filósofo francês Jean-Paul Sartre e os intelectuais de esquerda reunidos em torno do periódico *Temps Modernes*, tensão esta agravada com a publicação do ensaio camusiano *L'Homme Révolté*, manifestação maior de sua ideologia política, e sua contundente condenação àqueles que preferiam ignorar o ultra concentracionário governo soviético em nome da preservação de determinada concepção político-ideológica (LAMEIRINHA, 2006, p. 31).

De fato, não obstante *La Peste* ser impregnada de elementos relativos à época em que foi escrita, o estudo de seus rascunhos e manuscritos mostra-nos que seu autor optou por não mencionar alusões demasiado diretas aos eventos e processos históricos pelos quais o mundo passava. O romance, mantendo analogias com a realidade exterior, não permite que o tempo histórico concreto transforme sua narrativa em um romance de tese. Em realidade, *La Peste* parece ter sido pensada como metáfora do estado de exceção baseado no totalitarismo e na guerra que varreram a Europa sob o signo do nazismo. Nesta direção, a obra sugere-nos a reflexão acerca do exílio físico e psicológico infligido àqueles que se encontram em sua própria pátria, ao representar a peste como metonímia da França ocupada, processo mimético que reflete a amplitude e dramaticidade do potencial metafórico como referência simbólica da arquitetura social que representa (LAMEIRINHA, 2006, p. 35). Assim, aspectos constitutivos de uma guerra trágica, como a criação de campos de concentração, aprovisionados com câmaras de gás e fornos crematórios, fortalecem a metáfora, aproximando a obra da conjuntura real a que aludia.

O interregno durante o qual *La Peste* é redigida refere-se ao período de transcurso da Segunda Guerra Mundial, e à crise de valores morais e ideológicos característica de épocas belicosas que se desenrolam sob o espectro do mal. Durante os anos de conflito, Albert Camus ocupava o cargo de editorialista do jornal clandestino *Combat*, periódico que se configurava, dada a tensa e politizada conjuntura histórica na qual estava inserido, enquanto órgão de expressão da Resistência

Francesa. Neste ambiente, Camus dá vazão a seu engajamento contra todas as manifestações possíveis de totalitarismo, luta que explicita seu elo com a realidade histórica de seu tempo. Não obstante, a censura do literato à opinião consoante a qual um escritor fala, invariavelmente, sobre si mesmo em textos ficcionais, assertiva assinalada por Camus como ilusão literária, pode soar-nos contraditória ao observamos as nuances autobiográficas presentes em sua obra. Entretanto, tal percepção dissolve-se ao compreendermos de qual forma Camus envolve sua própria narrativa na literatura que produz, visto que a crítica do autor concerne ao excesso de lirismo e subjetividade que caracterizariam o romantismo, intervenções estas distintas das por ele praticadas. Albert Camus foi um autor comprometido com as transformações históricas que experienciou ao longo de sua vida, e, ao serem retomadas metaforicamente em seus escritos, visam transmitir posicionamentos racionais relativos a questões sociais com as quais toda a sua geração teve de aprender a lidar (GUIMARÃES DA SILVA, p.4).

Dessa feita, parece-nos razoável inserir – o que não significa diluir – nossa análise de *La Peste* no conjunto da obra de Camus e no conturbado contexto no qual o literato viveu e percorreu sua engajada trajetória intelectual. Assim, ao realizarmos um estudo mais atento ao romance, podemos notar elementos autobiográficos que, cremos, mereçam ser destacados. Neste sentido, o enredo do livro possui como pano de fundo a cidade Oran, na Argélia, país natal de Camus, lá nascido em 1913. O autor não conheceu seu pai, que, integrante do exército argelino a serviço da França, faleceu em batalha durante a Primeira Guerra Mundial, em 1914, tragédia pessoal que motivou sua mãe a se mudar de Mondovi para Argel, acabando por habitar um bairro popular da capital, chamado Belcourt, em situação de extrema pobreza. Operária em uma fábrica de cartuchos e trabalhadora doméstica, a mãe de Camus, surda e analfabeta, espanhola de nascimento, mal falava francês, e, devido à sua constante incomunicabilidade, gera os primeiros sinais de estranhamento em seu jovem filho ao responder

sempre com o silêncio às suas indagações. Já adulto, Camus dirige-se a Oran em janeiro de 1942, sendo, contudo, obrigado a se retirar da cidade no verão deste mesmo ano para se tratar em Paris, França. Ecoada em *La Peste*, o autor experiencia, à semelhança do ocorrido com personagens centrais de seu romance – amantes separados, estrangeiros exilados e indivíduos apartados de suas famílias –, um longo período de afastamento de sua esposa, de seus familiares e de sua terra natal quando, em novembro de 1942, os aliados chegam à África do Norte e o literato argelino vê-se impedido, por mais de dois anos, de regressar a seu país de origem.

Não obstante, podemos inferir que a experiência de Camus como observador de eventos históricos sugere, outrossim, vislumbres de intervenção biográfica do autor na definição da proposta narrativa de Bernard Rieux. Isto porque, não tendo sido deportado, o escritor apenas conseguiria discorrer acerca dos campos de concentração valendo-se de testemunhas e registros alheios, método este também utilizado pelo narrador de *La Peste* ao mencionar continuamente o diário de Tarrou como fonte documental elementar na construção de sua narrativa comprometida em dar voz às vítimas da epidemia.

D'une façon générale, il [o narrador] s'est appliqué à ne pas rapporter plus de choses qu'il n'en a pu voir, à ne pas prêter à ses compagnons de peste des pensées qu'en somme ils n'étaient pas forcés de former, et à utiliser seulement les textes que le hasard ou le malheur lui avaient mis entre les mains. Étant appelé à témoigner, à l'occasion d'une sorte de crime, il a gardé une certaine réserve, comme il convient à un témoin de bonne volonté. Mais en même temps, selon la loi d'un coeur honnête, il a pris délibérément le parti de la victime et a voulu rejoindre les hommes, ses concitoyens, dans les seules certitudes qu'ils aient en commun, et qui sont l'amour, la souffrance et l'exil. C'est ainsi qu'il n'est pas une des angoisses de ses concitoyens qu'il n'ait partagée, aucune situation qui n'ait été aussi la sienne (CAMUS, 2008, p. 274-275).

Conforme ressaltamos acima, Albert Camus realizou pesquisas, de cunho literário e histórico, acerca da doença ao redor e em função da qual se desenrolariam os eventos fulcrais de *La Peste*, cujos resultados deixariam transparecer pontualmente em algumas das reflexões silenciosas de um preocupado Dr. Rieux. Assim, cremos que nos seja válido, neste momento de nossa análise, traçarmos uma breve história e imaginário sobre a peste, com a intenção de melhor compreendermos as preocupações que tanto afligem o narrador quando este intenta definir um quadro de experiências que pudesse lhe auxiliar e guiar no período de crise social que se seguiria. Assim posto, a palavra “peste” já serviu, ao longo de séculos, para denominar, em sentido amplo, diversas epidemias que assolaram o mundo. Dentre tais usos, incluem-se a lepra, a sífilis, a AIDS, e o câncer, além da designação da peste propriamente dita, em seus tipos bubônico, pulmonar e septicêmico. Em realidade, o histórico da doença pode ser estudado a partir de seus três grandes ápices. O primeiro deles refere-se àquele registrado por Tucídides (460 a.C. - 400 a.C.), historiador grego que relatou o surto de peste ocorrido em Atenas em 420 a.C. A segunda grande devastação causada por este mal ficou conhecida como a peste de Justiniano, ou a Peste Negra, que varreu o Mediterrâneo durante o século VI, entre 1346 e 1722, e vitimou aproximadamente vinte e cinco milhões de pessoas no continente europeu. A terceira e mais inexorável aparição da peste iniciou-se em fins do século XIX, possivelmente na China e na Índia, somando quinze milhões de mortos em ambos os países até 1894, e espalhou-se pela Europa até inícios dos anos 1900. Esta última fase foi marcada por dois eventos históricos de suma relevância, aparentemente antagônicos entre si: trata-se da expansão da navegação a vapor, meio de locomoção que acabou por contribuir com a disseminação em larga escala da doença, e a produção do primeiro soro capaz de combater o bacilo da peste, empreendida por André Yersin, pesquisador do Instituto Pasteur.

Todavia, embora tais manifestações da doença tenham sido registradas, e, por isso, tiveram a

possibilidade de compor certa memória coletiva acerca das experiências humanas com a peste ao longo de séculos, não foi e não nos é possível construir um quadro confiável da evolução de seus estágios infecciosos e debilitadores que seja, de fato, útil para gerações posteriores que eventualmente venham a sofrer do mesmo mal. Isto porque as variantes que se apresentam nos diversos relatos acerca das ocorrências da doença nos mais díspares períodos da história – a presença e ausência alternadas de roedores em um período imediatamente anterior ao início da epidemia, as diferentes formas de contágio observadas, e a existência de indivíduos que, ao entrarem em contato direto com a peste, conseguem resistir e sobreviver – tendem a gerar pensamentos fundamentados em sensações de incerteza relativas à possibilidade de se delinear prospecções racionais verossímeis referentes ao um futuro próximo quando da constatação de um real surto de peste em determinada região (LAMEIRINHA, 2006, p. 40-41).

Entretanto, tal quadro, já consciente, de desfavorecimento na utilização de registros anteriores de casos de peste como guia de conduta e expectativas no trato com a doença, não impede que Rieux e demais voluntários engajados no combate à epidemia procedam ao que consideram uma responsabilidade histórica para com as futuras gerações, qual seja, efetuarem cotidianamente relatos e contabilidade precisos de todas as informações concernentes à disseminação, número de vítimas e estratégias de combate ao mal que assolava sua cidade. Assim, em Oran, onde o narrador de nossa crônica assume a coordenação das táticas de enfrentamento à peste, o empenho e disposição de Joseph Grand, com o auxílio de Jean Tarrou, em tomar nota do contingente de vítimas fatais é expressivo da importância da disciplina no projeto de controle social da doença. O registro equivaleria, neste contexto de apreensão e desolamento coletivo, à demonstração pública de persistência daqueles responsáveis por alcançarem a superação da epidemia, ainda que Dr. Rieux manifestasse clara descrença na utilidade imediata da documentação das mortes em Oran ocasionadas pela peste (CAMUS,

2008, p. 175-176), podendo servir, somente, como fonte de referência, à posteridade futura, dedicada ao relato de mais uma epidemia de peste.

Dr. Castel, o mais velho e experiente entre seus pares médicos, aquele, inclusive, que será o responsável pelo desenvolvimento do único soro que estará à disposição dos oranenses no combate ao bacilo, é o primeiro a considerar francamente a hipótese de Oran estar, de fato, sob o julgo do flagelo ao questionar a erradicação da doença no Ocidente:

Moi, je [Castel], le sais. Et je n'ai pas besoin d'analyses. J'ai fait une partie de ma carrière en Chine, et j'ai vu quelques cas à Paris, il y a une vingtaine d'années. Seulement on n'a pas osé leur donner un nom, sur le moment. L'opinion publique, c'est sacré: pas d'affolement, surtout pas d'affolement. Et puis comme disait un confrère : "C'est impossible, tout le monde sait qu'elle a disparu de l'Occident." Oui, tout le monde le savait, sauf les morts. Allons, Rieux, vous savez aussi bien que moi ce que c'est (CAMUS, 2008, p.39-40).

É esse cenário de incertezas, desconfianças e dúvidas que os médicos Castel e Rieux evocam, em *La Peste*, ao leitor, na tentativa, fundamentalmente fracassada, de estabelecer um espaço de experiência seguro capaz de guiá-los durante o tempo em que estariam submetidos ao flagelo.

En regardant par la fenêtre sa ville qui n'avait pas changé, c'est à peine si le docteur [Rieux] sentait naître en lui ce léger écœurement devant l'avenir qu'on appelle inquiétude. Il essayait de rassembler dans son esprit ce qu'il savait de cette maladie. Des chiffres flottaient dans sa mémoire et il se disait que la trentaine de grandes pestes que l'histoire a connues avait fait près de cent millions de morts. Mais qu'est-ce que cent millions de morts ? Quand on a fait la guerre, c'est à peine si on sait déjà ce que c'est qu'un mort (CAMUS, 2008, p.42).

Há, não obstante, simultaneamente ao esforço em estruturar um panorama verossímil e referencial das ocorrências passadas de mortes causadas pela peste, uma ação mental em direção horizontalmente oposta por parte de Bernard Rieux, demonstrada quando o médico busca incoerências e falhas potenciais nas histórias antigas que narram os surtos da doença pelo mundo em séculos anteriores. A intenção de desacreditar experiências sobrevividas para não cair em um estado de desespero e estagnação irracional é ocasionada pelo temor de Rieux a imagens e narrativas de horror registradas em cidades e regiões assoladas pela peste, que invadem o consciente de nosso narrador de forma avassaladora. Depara-se o médico com as situações de caos e desesperação vividas por decorrência da peste em Constantinopla, Cantão, Marselha, Provença, Jafa, Milão, Londres e Atenas, polis cujos habitantes sobreviventes, recorda-se Rieux, tiveram de disputar entre si a chance de dispor os corpos de seus entes queridos nas fogueiras. Assim, na ânsia de descartar a possibilidade iminente de deparar-se com o nauseante odor que exala os gânglios dos infectados pelo mal, Rieux engendra argumentos que põem à prova as informações sobre os surtos de peste que analisa:

D'ailleurs, des gens comme Procope ne savaient pas compter, la chose est connue. A Canton, il y avait soixante-dix ans, quarante mille rats étaient morts de la peste avant que le fléau s'intéressât aux habitants. Mais, en 1871, on n'avait pas le moyen de compter les rats. On faisait son calcul approximativement, en gros, avec des chances évidentes d'erreur. Pourtant, si un rat a trente centimètres de long, quarante mille rats mis bout à bout feraient... (CAMUS, 2008, p.42)

De fato, o exercício mental de Rieux, caracterizado por desejos e repulsas concomitantes, pode ser desvendado, ao menos preliminarmente, ao expomo-lo às teorias apresentadas por Koselleck em seu ensaio *Futuro passado* (2006), escrito no qual o historiador desenvolve seus principais entendimentos acerca do que considera serem as três instâncias da temporalidade, utilizando as

categorias analíticas de inquirição históricas assim denominadas pelo autor “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. De acordo com Koselleck, a experiência pode ser compreendida como o passado atual, cujos acontecimentos não foram esquecidos, e sim incorporados ao conjunto da memória. No processo de construção da experiência fundir-se-iam a elaboração racional e as formas inconscientes de comportamento, as quais não mais necessitam permanecer presentes no conhecimento imediatamente acessível. Na experiência individual que é transmitida por gerações e instituições estaria, outrossim, – como podemos notar nas constantes referências de um preocupado Dr. Rieux a relatos passados de condições semelhantes à vivida por ele e por sua cidade – contida e preservada uma experiência alheia. Desta maneira, a história seria, desde sempre, concebida enquanto conhecimento de experiências alheias (KOSELLECK, 2006, p. 309-310).

O “espaço de experiência”, consoante Koselleck, corresponde a um campo fundamental para a manutenção da vida e especialmente caro aos historiadores, visto que só poderíamos acessar o que um dia foi vivido por meio deste espaço, dentro do qual observamos as experiências aglomerarem-se em diversas formações, e de cujo conteúdo extraímos nossas fontes de estudo. Koselleck sugere-nos que a experiência, tida como todas as reminiscências daquilo que foi vivido e que, de algum modo, projeta-se no hoje, tem o poder de elaborar fatos passados e torná-los presentes, capacidade que a tornaria saturada de realidade (BARROS, 2010, p.70). Neste sentido, graças a tal singularidade, o espaço de experiência transformar-se-ia a cada novo presente, a cada novo segundo significante. Isto porque, afirma Koselleck, novas expectativas retroagem e modificam o espaço de experiência, possibilitando que esperanças e decepções abram brechas e repercutam na percepção individual e coletiva de eventos já ocorridos. Segundo a perspectiva koselleckiana, cada presente não apenas reconstrói o passado a partir de problematizações originárias de sua atualidade – como propunha a escola dos *Annales* e outras correntes historiográficas do século XX –, mas também

ressignifica tanto o passado reunido no espaço de experiência, quanto o futuro prospectado no horizonte de expectativas. Para Koselleck, cada presente concebe de uma nova maneira a relação entre futuro e passado, ou seja, a assimetria entre estas duas instâncias da temporalidade. A estrutura temporal da experiência não poderia, então, ser reunida sem uma expectativa retroativa (KOSELLECK, 2006, p.313), constatação esta que encontra um exemplo deveras elucidativo na percepção que Rieux manifesta ao refletir acerca da realidade sofrida por regiões já visitadas pela peste:

Le mot [peste] ne contenait pas seulement ce que la science voulait bien y mettre, mais une longue suite d'images extraordinaires qui ne s'accordaient pas avec cette ville jaune et grise, modérément animée à cette heure, bourdonnante plutôt que bruyante, heureuse en somme, s'il est possible qu'on puisse être à la fois heureux et morne. Et une tranquillité si pacifique et si indifférente n'ait presque sans effort les vieilles images du fléau, Athènes empestée et désertée par les oiseaux, les villes chinoises remplies d'agonisants silencieux, les bagnards de Marseille empilant dans des trous les corps dégoulinants, la construction en Provence du grand mur qui devait arrêter le vent furieux de la peste, Jaffa et ses hideux mendiants, les lits humides et pourris collés à la terre battue de l'hôpital de Constantinople, les malades tirés avec des crochets, le carnaval des médecins masqués pendant la Peste noire, les accouplements des vivants dans les cimetières de Milan, les charrettes de morts dans Londres épouvanté, et les nuits et les jours remplis partout et toujours du cri interminable des hommes (CAMUS, 2008, p.43).

Como podemos vislumbrar no trecho acima mencionado, o contorno trágico da condição humana em *La Peste* é identificado pela condição indelével da morte, fatalidade que atribui à doença um potencial de revelação e transcendência capaz de aproximar, simultaneamente, a humanidade à sua natureza frágil e vulnerável e à força de sua superação. Diante da imediatez da vida em estado de

peste, é preciso permanecer lúcido, liberto das imobilizadoras esperanças em um futuro ou mesmo em um passado redentor: é preciso estar plenamente consciente do momento presente. De fato, conforme nos assevera Koselleck, cada uma das temporalidades, quais seja, o passado, o presente e o futuro, pode alterar-se imaginariamente, contraindo-se ou expandindo-se conforme a realidade vivida pelas diferentes épocas e sociedades, modificações estas – percebidas, como buscamos evidenciar, pelo povo oranense na narrativa camusiana – que acabam por gerar significativas variações nos modos pelos quais as relações entre elas são sentidas e pensadas. Desta feita, a percepção temporal, tal qual experienciada em *La Peste*, não pode ser tomada como um dado evidente e natural, mas como construção da cultura que cada sociedade e época possuem, cujas necessidades e demandas determinam um modo singular de relacionamento entre o passado como campo do já experimentado e as possibilidades que se projetam no futuro como horizonte de expectativas. Neste mesmo sentido, a categorização koselleckiana referente à simultaneidade da não-simultaneidade conteria extensões temporais díspares relativas à estrutura prognóstica do tempo histórico, caracterizada por antecipar acontecimentos já dispostos no presente, mais ainda não concretizados (JASMIN; JÚNIOR, 2006).

Na fissura temporal aberta pelas tensões entre perspectivas (in)desejadas e experiências constantemente reformuladas, podem estar contidas camadas distintas de tempo, cujas durações, passíveis de serem medidas umas em relação às outras, são dotadas de diferentes dimensões dependendo do agente histórico ou das situações investigadas. Entre estas duas imagens formadas pelos eventos e sentimentos reunidos sob o signo do campo de experiências e pelas esperanças e temores projetadas em um horizonte de expectativas, comprime-se o fugidivo momento conhecido por presente. Para Koselleck, tal momento caracteriza-se modernamente por sua particular percepção, que parece concentrar-se entre um espaço comprimido que representa o passado, sempre preste a incorporá-lo, e a linha eternamente móvel que representa

o futuro, que não cansa de avançar em direção ao desconhecido, visto que, ao se realizar, tão logo se torna presente, já passa rapidamente a integrar, quando não esquecido, o interior do espaço de experiência. Não obstante, é válido ressaltarmos, conforme elucidam-nos Koselleck, que o estabelecimento imaginário de fusões e clivagens ocorridas entre as três temporalidades – passado, presente e futuro – podem manifestar-se ao ambiente mental dominante de cada época, assim como às consciências daqueles que vivem estas diferentes épocas, de modos bastante diversos. Isto porque, para o autor, o tempo histórico é regulado, sob formas variáveis, pela tensão entre expectativas e experiências (KOSELLECK, 2006, p. 313).

Assim posto, considerando a teoria koselleckiana, é possível percebermos as alterações que se realizam na percepção individual e coletiva dos habitantes de Oran em relação ao transcorrer do tempo quando os conflitos surgidos pelo embate entre a projeção das perspectivas e o campo do experienciado se exacerbam devido às consequências práticas da declaração do estado de peste na cidade argelina. Com o anúncio público da epidemia, as autoridades oranenses procedem ao fechamento dos portões da cidade e inicia-se, então, um longo período de exílio. Como tradicional ponto de passagem, o enclausuramento de Oran encerra a doença no local e aprisiona ali sua população e seus visitantes, relegando-os a um contato permanente com o mal e a morte potencializada. Abertas, as portas da cidade tornar-se-iam o trajeto facilmente percorrido pelos bacilos transmissores da peste em direção a novos territórios a serem conquistados, novas fronteiras a serem ultrapassadas e sobrepujadas pelo medo, a dor e o sofrimento. Privados de qualquer tipo de acesso ao exterior da cidade, mesmo às suas águas marítimas, os moradores de Oran, cuja maioria não demonstrava conceber a real extensão da gravidade das condições em que se encontravam, apresentam, no princípio do estado de peste, um acentuado individualismo, que pode ser interpretado, parcialmente, como mecanismo de preservação pessoal. As notícias diárias sobre o número

de mortes, que se elevava ininterruptamente, não mudam a perspectiva egocêntrica desenvolvida pelos oranenses no trato com a situação reinante de exílio e agonia. Tal perspectiva aprofunda-se pela inépcia demonstrada pelos moradores em articular correspondências inteligíveis entre as cruas estatísticas lançadas pela prefeitura e a vida interrompida em seus sentimentos, expectativas, anseios e frustrações, ruptura que lhes retira o futuro de suas histórias e as memórias de seu passado, fixando seu presente em uma fatalidade sombria.

Em seu ensaio *O Narrador* (1987), Walter Benjamin, ao analisar a temporalidade de um presente desprovido de fantasias relativas ao devir, comprimido pelas necessidades da vida prática moderna, ajuda-nos, indiretamente, a compreender o sufocante tempo estagnado que caracteriza os episódios de depressão², doença psíquica que parece se desenvolver nos habitantes de Oran como efeito colateral do enclausuramento e das perdas a que são submetidos no estado de peste. De acordo com Benjamin, a desmoralização da experiência – sintoma manifesto, conforme enfatizamos anteriormente, pelo protagonista de *La Peste*, Dr. Rieux – possui, na modernidade, uma conjuntura histórica que a propícia, marcada pelas drásticas mudanças na temporalidade, ocasionadas pelo predomínio da técnica sobre a interação com a natureza, e, principalmente, sobre as relações entre os homens. O impacto das novas tecnologias destinadas à morte apresentadas ao mundo industrializado a partir de 1914 é enfocado pela reflexão benjaminiana como paradigma da velocidade com a qual as inovações tecnológicas são capazes de transformar a relação dos seres humanos com tempo. Em *O Narrador*, escrito em 1936, Benjamin assevera o papel desempenhado pela Primeira Guerra Mundial no processo moderno de degradação da habilidade humana em trocar experiências. Para tanto, o autor vale-se do fato, constatado ao final daquela guerra,

de os combatentes voltarem mudos dos campos de batalha, incapazes de transmitir, em narrativas orais tradicionais, as desgraças que haviam visto e das quais haviam participado: os soldados regressavam a suas vidas mais pobres em experiência comunicável (KEHL, 2009, p. 154-155).

De forma similar ao verificado no comportamento daqueles que lutaram na Primeira Guerra, em *La Peste*, ao serem reduzidas as possibilidades de contato com as pessoas que permaneciam fora dos limites de Oran pela proibição oficial da troca de cartas devido ao temor da transmissão e pelo acesso restrito dos moradores da cidade aos telegramas, único meio que lhes fora permitido utilizar, os cidadãos oranenses passam a manifestar a apreensão do mal na dificuldade que encontram em exprimir seus sentimentos através de curtas mensagens telegráficas. A tentativa de comunicação realizada por meio de uma correspondência tão exígua e sintética acaba por tornar o conteúdo das mensagens enviadas tão monótono quanto a própria vida em estado de peste, como podemos observar no recado que Dr. Rieux manda telegrafar à sua esposa: “Vais bien. Pense à toi. Tendresse” (CAMUS, 2008, p.69). De fato, a proximidade das experiências vivenciadas em estado de guerra e aquelas narradas em *La Peste* permite-nos relacionar a ficção camusiana à literatura de testemunhos relativos a conjunturas bélicas, nos quais os entraves psicológicos encontrados, por exemplo, por sobreviventes de campos de concentração em expressar o impacto dos eventos sobre suas vidas são notórios. Neste sentido, o telegrama como via única de contato com o mundo pode ser interpretado como uma fase imediatamente anterior à incapacidade em narrar as histórias e os sentimentos sob a peste (LAMEIRINHA, 2006, p. 59).

Com uma demografia conformada por duzentos mil habitantes, Oran nunca havia se preocupado em

² Conforme argumenta Maria Rita Kehl, em *O tempo e o cão: A atualidade das depressões* (2009), ao nos apropriarmos das reflexões benjaminianas presentes em *O Narrador*, podemos perceber que “Do ponto de vista do funcionamento psíquico, talvez não haja diferença entre o tempo estagnado e o tempo

comprimido: em ambos os casos, o empobrecimento do trabalho psíquico faz com que os estímulos recebidos pelo sistema percepção-consciência se pareçam com pequenos traumas, soltos da rede de representações que confere valor e sentido (imaginário) à vida.” (KEHL, 2009, p.157).

contabilizar seu índice de mortalidade antes de ser tomada pela epidemia. Todavia, com a deflagração da epidemia, a cidade passou a operar um registro constante de suas mortes como uma das estratégias centrais no combate à doença. Na intenção de minorar o impacto dos altos números sobre os ânimos da população, as autoridades tentam mascarar o aumento exponencial de vítimas alterando a periodicidade do anúncio de seus cálculos, que passa de semanal a diário. Apesar do esforço do poder público em dar subsídios oficiais à manutenção do *status quo* social que tendia a perceber o mal que assolava a cidade enquanto um evento passageiro, um imprevisto a ser contornado sem maiores desgastes, o caráter temporário da peste acaba por se transformar quando os oranenses deixam de entendê-la como mera casualidade ao se depararem com o fechamento de lojas e dispensa do trabalho que transformam a convivência aparentemente festiva das ruas em uma movimentação aleatória, temerária e interminável de indivíduos solitários. Nesta direção, são sintomáticas as descrições de Rieux do tom monocórdio dos alarmes das ambulâncias, da chegada sorrateira e perversa do verão, que será implacável na disseminação da doença, e da perda contínua de vítimas fatais, quadro de desolação que traz a Oran a indiferença, o vazio e a abstração.

Isolados social e geograficamente, aos oranenses resta apenas a memória de uma época anterior à peste, que lhes escapou às mãos ao terem suas vidas assoladas por uma realidade intensa e funesta. Entretanto, sem disporem de quaisquer subsídios imaginativos ou fantasiosos que pudessem estimular e fortalecer suas memórias, os homens veem suas experiências se esvaírem como mais uma demonstração do sentimento de abstração que se lhes recai: “Ils avaient de la mémoire, mais une imagination insuffisante. Au deuxième étage de la peste, ils perdirent aussi la mémoire.” (CAMUS, 2008, p.166). Os sobreviventes, com o avanço da doença e a interminável manutenção do estado de exceção na cidade, tornam-se incapazes de lembrar rostos, vozes e momentos compartilhados com seus entes distantes. O esvaziamento do elo social e das lembranças que o

significava, causado por todo o potencial de dor implícito na peste, leva a uma perda efetiva do passado e da identidade que conforma cada cidadão. Sem referências que lhes orientassem no período de crise vivenciado, os oranenses experimentam um profundo abatimento e uma quase resignação relativa aos horrores que lhes ocorriam em torno.

Em tais condições, as palavras proferidas sem esmero em despedidas cotidianas, cujo reencontro era esperado para um futuro muito breve, passam a ecoar nos pensamentos dos exilados em Oran, vítimas aprisionadas em um tempo de suspensão marcado pela morte torturante: “Ils éprouvaient ainsi la souffrance profonde de tous les prisonniers et de tous les exilés, qui est de vivre avec une mémoire qui ne sert à rien.” (CAMUS, 2008, p. 72). Em *La Peste*, o exílio e a separação sofridos por estes prisioneiros se intensificam ao logo da narrativa, gerando um quadro permanente de dor, que é complementado por sensações contrárias e alternantes, como o desespero, a apatia, a loucura e mesmo a total indiferença. As imagens de impotência diante do futuro, da perda constante das raízes identitárias, da impossibilidade em viver um presente vazio e deslocado marcam a percepção social desta época de horror e exceção:

Nous savions alors que notre séparation était destinée à durer et que nous devions essayer de nous arranger avec le temps. Dès lors, nous réintégrions en somme notre condition de prisonniers, nous étions réduits à notre passé, et si même quelques-uns d'entre nous avaient la tentation de vivre dans l'avenir, ils y renonçaient rapidement, autant du moins qu'il leur était possible, en éprouvant les blessures que finalement l'imagination inflige à ceux qui lui font confiance. (CAMUS, 2008, p. 71)

Maria Rita Kehl, no capítulo “Tempo da consciência e tempo da memória” de *O Tempo e o cão*, ao tentar compreender quais seriam os modos de apropriação e de inscrição no psiquismo do tempo enquanto passagem e contínua duração, ajuda-nos a

elucidar a importância da memória na percepção coerente da passagem do tempo e da identificação de si e do social como esferas cognoscíveis do entendimento humano. Afirma a autora ser a memória a pregnância imaginária dos acontecimentos que se desenrolam no tempo, cuja função é essencial na manutenção de nosso sentimento imaginário de identidade ao longo da vida. A memória obedeceria às leis que regem o imaginário e garantiria a possibilidade de conservação das ocorrências diante da passagem inexorável do tempo, estabelecendo uma consistente impressão de continuidade entre os instantes fecundos que compõem uma vida. Consoante Kehl, a forma negativa do tempo que denominamos passado, cuja inscrição psíquica se dá por meio da memória, é a responsável por conservar o tempo em sua versão imaginária. A memória, participante do mesmo registro psíquico do corpo e do narcisismo, fornecer-nos-ia, então, a medida, tanto individual quanto coletiva, do fio do tempo (KEHL, 2009, p.127).

Considerando tais proposições, cremos ser possível captar mais ampla e profundamente o horror mental e emocional sofrido pelos sobreviventes de Oran ao vivenciarem o caos da abstração causado pela interferência pestífera no delicado equilíbrio entre memória e esquecimento. Personagens de um cenário de aflição regulado pela morte em massa de seus conterrâneos, os oranenses guardam inicialmente a lembrança de seus entes vitimados pela doença, a dor sofrida por suas ausências, e o temor de perderem suas vidas para a peste. Entretanto, com o aumento exponencial da mortalidade, o luto e a certeza do retorno breve à normalidade cedem espaço para a urgência das necessidades cotidianas, e a lembrança dos mortos, após longo tempo de reclusão, transforma-se em esquecimento, projetado como estratégia psíquica para a conservação da vida. A peste, experiência bruta e radical, torna as pessoas indivíduos marcados por sofrimentos e alheamentos que os diferenciará para sempre dos demais. A exemplo da guerra, a peste constitui-se enquanto ruptura entre aqueles que a experienciaram e os que dela foram privados, caracterizando-se como estigma de um

exílio que, provavelmente, jamais abandonará, como experiência individual, quem por ele já foi selado, mesmo após a abertura das portas da cidade e o aparente retorno à liberdade.

Bernard Rieux, ao presenciar o falecimento do homem que havia se tornado seu único amigo durante o período em que viveram sob o domínio do flagelo, Jean Tarrou, e, em seguida, ser notificado da morte de sua mulher, passa, por sua vez, a refletir acerca da dialética relacional que se estabelece entre a peste e a memória. Em suas reflexões, o médico-narrador deparar-se com o fato de a doença relegar a seus sobreviventes apenas as lembranças de sentimentos ternos, como a amizade, a ternura e a solidariedade, os quais são, em sua essência, ultrapassados pelo mal. Isto porque, embora a peste não prive o homem do conhecimento de emoções fraternas, como observamos no trabalho das equipes sanitárias, ela não abdica de seu controle absoluto do tempo para que os indivíduos possam desfrutar de tais prazeres. Rieux questiona-se, então, qual seria o significado da perda e do ganho sob o estado de peste, pois, apesar de Tarrou, em seu leito de morte, considerar ter perdido o jogo imposto pela epidemia, a qualidade da vida, em si mesma um ganho incomensurável, após esta experiência aterrorizante poderia ser profundamente comprometida em seus níveis mais elementares:

Mais lui, Rieux, qu'avait-il gagné ? Il avait seulement gagné d'avoir connu la peste et de s'en souvenir, d'avoir connu l'amitié et de s'en souvenir, de connaître la tendresse et de devoir un jour s'en souvenir. Tout ce que l'homme pouvait gagner au jeu de la peste et de la vie, c'était la connaissance et la mémoire. Peut-être était-ce cela que Tarrou appelait gagner la partie! (CAMUS, 2008, p.263)

O jornalista Raymond Rambert é outra personagem do romance camusiano assolada por uma sensação de expatriamento que se lhe indica perpetuar-se por toda a sua vida. Dividido entre a felicidade pelo reencontro com sua amada e a miséria deixada pela peste em seu peito, Rambert desenvolve um sentimento de

exílio que só poderia compartilhar com os moradores exilados de Oran:

Il [Rambert] aurait souhaité redevenir celui qui, au début de l'épidémie, voulait courir d'un seul élan hors de la ville et s'élaner à la rencontre de celle qu'il aimait. Mais il savait que cela n'était plus possible. Il avait changé, la peste avait mis en lui une distraction que, de toutes ses forces, il essayait de nier, et qui, cependant, continuait en lui comme une sourde angoisse. Dans un sens, il avait le sentiment que la peste avait foi trop brutalement, il n'avait pas sa présence d'esprit. Le bonheur arrivait à toute allure, l'événement allait plus vite que l'attente. Rambert comprenait que tout lui serait rendu d'un coup et que la joie est une brûlure qui ne se savoure pas. (CAMUS, 2008, p. 266)

Percebemos no registro narrado por Rieux que Rambert, abatido pela abstração provocada pela peste, acaba por desassociar a memória da amada de uma forma viva e conhecida, e, embora continue a amá-la, percebe que a ausência e a distância a transformaram em uma estranha:

Rambert, lui, n'eut pas le temps de regarder cette forme courant vers lui, que déjà, elle s'abattait contre sa poitrine. Et la tenant à pleins bras, serrant contre lui une tête dont il ne voyait que les cheveux familiers, il laissa couler ses larmes sans savoir si elles venaient de son bonheur présent ou d'une douleur trop longtemps réprimée, assuré du moins qu'elles l'empêcheraient de vérifier si ce visage enfoui au creux de son épaule était celui dont il avait tant rêvé ou au contraire celui d'une étrangère. (CAMUS, 2008, p. 267)

No sentido da percepção de Rambert, percebemos que a peste firma-se como fronteira psicológica a dividir a memória afetiva entre o antes e o depois de sua instalação. A lembrança daqueles que por tanto tempo permaneceram alienados da dura realidade vivida pelos

exilados e a recordação dos dias terríveis sob o flagelo entrelaçam-se formando uma tênue linha separatória entre o que permanecerá e o que será lançado para fora do campo de experiência. A tentativa desesperada do jornalista em esquecer as adversidades da cidade empastada na intenção de relembrar a força de um amor até a pouco ausente deixa ao leitor de *La Peste* a dúvida sobre o destino que será dado por cada oranense ao silêncio instalado pela peste em seu ser (LAMEIRINHA, 2006, p.82-85): “Pour le moment, il [Rambert] voulait faire comme tous ceux qui avaient l'air de croire, autour de lui, que la peste peut venir et repartir sans que le cœur des hommes en soit changé.” (CAMUS, 2008, p.267).

Não obstante o latente estranhamento sentido por Rambert e Rieux no momento em que o estado de peste se desfaz e a obrigação da normalidade invade as portas recém-abertas de Oran, a notícia oficial anunciando o início da remissão da doença faz renascer nos exilados a perspectiva do fim da separação e do enclausuramento, esperança esta que havia adormecido, ou mesmo se extinguido, no coração da maioria dos oranenses: “[...] on peut dire d'ailleurs qu'à partir du moment où le plus infime espoir devint possible pour la population, le règne effectif de la peste fut termine.” (CAMUS, 2008, p. 245). O reino da peste, que obriga seus súditos a viverem sob a cruel temporalidade que sua presença impõe, aquela do tempo estagnado, do eterno presente, da anulação das experiências e dos projetos futuros, começa a ser deposto quando a população de Oran permite-se criar novamente esperanças sobre o fenecimento da epidemia na cidade. Trata-se, neste momento da narrativa, do ressurgimento do horizonte de expectativas no imaginário dos sobreviventes, para os quais o tempo sai de seu estado de suspensão e passa a se acelerar em direção a uma fantasia a ser concretizada em um futuro próximo, aquele da reabertura das portas da prisão coletiva em que se encontravam.

Uma vez mais, o historiador alemão Reinhart Koselleck pode nos auxiliar a compreender o espaço ocupado pelas expectativas na composição do complexo sistema de valores e sensibilidades a que chamamos vida

humana. De acordo com o entendimento koselleckiano, as expectativas, que se remetem ao futuro, correspondem a um amplo universo de sensações e antecipações tangentes ao que ainda se realizará. Constituem o horizonte de expectativas nossas ansiedades e desejos, medos e esperanças, indiferenças e certezas, dúvidas e confianças, enfim, tudo o que concebemos em direção ao futuro, incluindo nestas projeções não somente as formas de sensibilidade relacionadas ao devir, mas também a curiosidade e as sensações a seu respeito e a análise racional que o visa. Para Koselleck, o horizonte é aquela linha por trás da qual um novo espaço de experiência, que ainda não pode ser contemplado, abre-se no futuro. Por não poder ser experimentada, a possibilidade de descoberta do amanhã, em detrimento de seus prognósticos, depara-se com um limite absoluto. Desta feita, a expectativa seria, então, tudo o que, remetendo ao futuro, pensamos e sentimos em nosso presente, caracterização que faz dela, a exemplo da experiência, herança do passado que se concretiza no hoje, uma realidade atual, um *futuro presente* (KOSELLECK, 2006, p. 311).

Em *La Peste*, o horizonte de expectativas, conforme o interpreta Koselleck, pode ser visto ressurgindo entre os oranenses no instante em que a indiferença e abstração que sentiam para com seus destinos são substituídas por uma nova trajetória de esperança, que altera o comportamento dos habitantes da cidade, ainda exilados pela peste:

Cependant, ce fait nouveau [o fim da epidemia] était sur toutes les bouches, et, au fond des coeurs, s'agitait un grand espoir anavoué. Tout le reste passait au second plan. Les nouvelles victimes de la peste pesaient bien peu auprès de ce fait exorbitant : les statistiques avaient baissé. (CAMUS, 2008, p. 243).

Apesar de matizadas pela prudência e pelo temor que não lhes permitiam recuar repentinamente de todas as preocupações e assim regressar à normalidade, a alegria e a liberdade conquistam o ânimo dos oranenses com a previsão de um fim breve para o enclausuramento. A

expectativa pela reabertura dos portões da cidade devolve o sorriso à população e revela o estado limítrofe em que se encontrava a capacidade de tolerância de seus moradores, demonstrado nas tentativas de fugas. Oran passa, então, a alternar entre uma profunda impaciência e um ceticismo desconfiado que alguns moradores preservam afim de evitar sofrimentos adicionais, impasse que só poderia ser definido com a declaração oficial do término da peste, momento no qual a euforia coletiva invade indiscriminadamente os espaços sociais.

Todavia, em meio ao quadro de redenção e plenitude encontrado na cidade ao serem abertas suas portas, sobressai-se o protagonista e narrador do romance, que, ao deparar-se com a esperança desavisada dos oranenses no fim definitivo da peste, mostra-se sóbrio e consciente em relação à ameaça perene que a peste representa por ser transmitida através de bacilos resistentes ao passar do tempo:

Écoutant, en effet, les cris d'allégresse qui montaient de la ville, Rieux se souvenait que cette allégresse était toujours menacée. Car il savait ce que cette foule en joie ignorait, et qu'on peut lire dans les livres, que le bacille de la peste ne meurt ni ne disparaît jamais, qu'il peut rester pendant des dizaines d'années endormi dans les meubles et le linge, qu'il attend patiemment dans les chambres, les caves, les malles, les mouchoirs et les paperasses, et que, peut-être, le jour viendrait où, pour le malheur et l'enseignement des hommes, la peste réveillerait ses rats et les enverrait mourir dans une cité heureuse. (CAMUS, 2008, p.279-280).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à crítica delineada em *La Peste* à estagnação causada por uma expectativa vazia e contraproducente, Camus mostra-nos seu posicionamento contrário à tirania imposta pela falsa esperança e pela eterna ilusão de que algo transformador está para acontecer, sem que, de fato, tal mudança se concretize. Esta espera interminável impedir-nos-ia de

viver a realidade como ela se nos apresenta, condição que nos conduziria a um quadro crônico de castração que caracteriza o homem quando escravo de seu livre-arbítrio. Para o escritor, a verdadeira esperança relaciona-se diretamente à lucidez, à consciência e à atenção humanas e, portanto, não pode estar atrelada a esferas religiosas e salvacionistas. Afastando-se do pessimismo, Camus defende uma esperança que se fundamente na vida presente e nas reais possibilidades da existência, sem que haja apelos a Deus que, inexistente, perverso, ou mesmo indiferente, não poderia salvar a humanidade, cuja crença ao divino condená-la-ia à desilusão e à morte. O futuro, na perspectiva camusiana, não existe e, por isso, dele não se deve esperar resoluções milagrosas que desobriguem os indivíduos e sociedades de lutar ativamente por seus objetivos. Devemos, consoante Camus, concentrarmos nossos esforços na vida mortal que possuímos, afim de criarmos condições reais que nos impeçam de sucumbir ao mal que se nos apresenta, organizando-nos para resistir e atacá-lo, a exemplo do que fizeram as equipes voluntárias com suas estratégias no combate à peste. Se a doença expõe a miséria da condição humana, a esperança lúcida propicia sua saída possível ao revelar a capacidade de os indivíduos solidarizarem-se em busca de um futuro coletivo conformado pela justiça, felicidade e resistência contra a guerra, a violência e o sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. Rupturas entre o presente e o passado: Leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hanna Arendt. *Revista Páginas de Filosofia*, São Paulo, v. 2, n.2, p. 65-68, jul-dez, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PF/article/viewFile/2374/2841>

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CAMUS, Albert. *La Peste*. Paris: Gallimard, 2008.

GOMES, Deborah Cristine Silva. Temporalidade e História. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Rio Grande do Sul, ano 1, v. 1, jul, 2009.

Disponível em:

http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Resenha.Temporalidade%20e%20Hist%C3%B3ria.pdf

GUIMARÃES DA SILVA, Nilson Aduato. *A Peste de Albert Camus: Revolta como ação coletiva e solidária*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Disponível em:

http://www.fbpf.org.br/cd2/liste_des_auteurs/s/nilson_adauto_guimaraes_silva.pdf

JASMIN, Marcelo G. & FERES JUNIOR, João. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: *História dos conceitos*. Rio de Janeiro: Puc-Loyola, 2006.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. Edição eletrônica disponível em:

<http://www.slideshare.net/samaramarino/otempoeocao#btnNext>

KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LAMEIRINHA, Cristianne Aparecida de Brito. *O sentido do exílio em La Peste de Albert Camus*. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-08112007-144148/pt-br.php>

ROIZ, Diogo da Silva. Tempo, História e Historiografia.
*Emblemas – Revista do Departamento de História e Ciências
Sociais – UFG/CAG, Goiás, v. 8, n.2, 319-330, jul-dez,*
2011. Disponível em:

[http://www.revistas.ufg.br/index.php/emblemas/article
/view/13575](http://www.revistas.ufg.br/index.php/emblemas/article/view/13575)